

# ESCOLHAS LEXICAIS E PRODUÇÃO DE EFEITOS DE SENTIDO: *QUINCAS BORBA* EM MATERIAL DIDÁTICO

Lilian Barros de Abreu Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo é um recorte da pesquisa de doutorado, em que pesquisamos a transmissão do texto literário *Quincas Borba*, de Machado de Assis, em material didático. Nessa perspectiva, este artigo tem o objetivo de discutir como as escolhas lexicais presentes no romance em estudo, transmitidos em material didático, interferem no estilo machadiano e na interpretação do texto. Para isso, utilizamos como aporte teórico-metodológico estudos filológicos descritos em Blecua (1990), Cambraia (2005), Spaggiari & Perugi (2004) e Sacramento e Santos (2017); a perspectiva de escolha lexical de Oliveira (2016), Antunes (2012) e Teles (1976); a concepção de campos léxico-semânticos está ancorada nas ideias de Antunes (2012), Henriques (2011), Cruse (1986) e Ullman (1977); e o estudo do estilo machadiano é fundamentado por Carvalho (2018). Os resultados desta pesquisa podem contribuir para a compreensão da construção de escolhas lexicais e campos léxico-semânticos em texto literário, para a elaboração de material didático de língua portuguesa e literatura brasileira e para os estudos lexicais e machadianos em sala de aula.

**Palavras-chave:** Escolha Lexical; Campo Léxico-Semântico; Material Didático; *Quincas Borba*; Machado de Assis.

## Introdução

Os textos literários reproduzidos em material didático geralmente são o único contato entre literatura e os alunos de escolas brasileiras. Esses textos figuram como recursos de ensino que possuem exposições, muitas vezes, inquestionáveis por seus usuários, haja vista seu papel de autoridade que manifesta um discurso de verdade<sup>2</sup> dentro de sala de aula. Considerando essa realidade e os problemas intrínsecos à transmissão de textos, é fundamental a pesquisa da fidedignidade de um texto literário em material didático.

---

1 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo/SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1601-4488> E-mail: [lilian.barros.silva@usp.br](mailto:lilian.barros.silva@usp.br)

2 Para Grigoletto (2011), um discurso de verdade é aquele que ilusoriamente acreditam possuir um sentido de completude.

Nessa perspectiva, este artigo se baseia na pesquisa de doutorado<sup>3</sup> em desenvolvimento, que investiga a transmissão do texto literário *Quincas Borba*, de Machado de Assis, em material didático. Para tanto, os objetivos específicos da pesquisa se resumem em (I) fazer o levantamento da obra *Quincas Borba*, de Machado de Assis, em material didático – livros didáticos, apostilas e textos paradidáticos; (II) investigar a gênese das variantes na transmissão desse material para encontrar o motivo do surgimento das alterações e (III) discutir a influência delas em uma análise crítico-literária da obra e do seu autor. Desse modo, esta pesquisa tem como guia a base teórico-metodológica proposta para a Crítica Textual, disposta em Blecua (1990), Cambraia (2005) e Spaggiari & Perugi (2004).

O *corpus* desta pesquisa é composto, até este tempo, por vinte e seis materiais didáticos, isto é, livros didáticos, apostilas e livros paradidáticos sobre o romance e o autor, de diferentes anos de publicação, sendo a mais antiga do ano de 1970 e a mais recente do ano de 2019, assinados por autores e coleções didáticas conceituadas no sistema de ensino brasileiro e circulando tanto em escolas particulares quanto em escolas públicas. Esse material foi todo cotejado com a terceira edição de *Quincas Borba* (ASSIS, 1899), por ser a última com o autor vivo e supostamente com a revisão dele, e também a edição crítica do romance (ASSIS, 1977) da Comissão Machado de Assis, por ter a autoridade de ter sido estabelecida no confronto de mais de um testemunho da obra.

Os resultados dos objetivos de pesquisa I e II mostraram total falta de rigor na transmissão de *Quincas Borba* em material didático impresso, visto que nenhum esclarece sobre as alterações que apresenta. Em uma perspectiva quantitativa, até o momento, foram encontradas 168 variantes, isto é, modificações de ordem sintática (incluindo pontuação), lexicais e morfológicas no texto que interferem substancialmente em seu conteúdo. Essas alterações expressam um distanciamento e redução do texto original, pois as variantes mais frequentes foram as de substituição (46,43% dos casos) e omissão (30,95% dos casos), respectivamente. Além dessas, também houve ocorrência de variantes de adição (22,02% dos casos) e alteração de ordem (0,60% dos casos). A maioria delas surgiu no processo de elaboração do material didático, motivadas por erro de cópia, correção da norma gramatical, normas ou critérios do processo de edição do texto e por censura editorial.

Com o intuito de mostrar como essas modificações podem alterar o estilo do autor e a análise crítico-literária da obra pelos estudantes, selecionamos quatro fragmentos – elegidos por serem os mais transmitidos em livros didáticos, apostilas e textos paradidáticos – do texto machadiano, para analisarmos de que modo as escolhas lexicais, transmitidas em material didático, produzem efeitos de sentidos diferentes das escolhas do escritor Machado de Assis e como elas interferem

---

3 A pesquisa de doutorado faz parte do projeto de pesquisa *Edição e estudo de textos literários e não literários em língua portuguesa*, coordenado pelo Professor Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, que também é o orientador desta pesquisa de doutorado.

na interpretação do texto. Logo, essa análise servirá, sobretudo, para constituir resultados para o terceiro objetivo da pesquisa de doutorado.

Para isso, essa análise será baseada na perspectiva de escolha lexical de Oliveira (2016), Antunes (2012) e Teles (1976) e na concepção de campos léxico-semânticos de Antunes (2012), Henriques (2011), Cruse (1986) e Ullman (1977), por serem estudos que consideram a construção dos sentidos dos textos; o rigor filológico, presente na proposta descrita em Blecua (1990), Cambraia (2005) e Spaggiari & Perugi (2004), norteia a verificação da fidedignidade de *Quincas Borba*; já a perspectiva filológica e sua ética de leitura está baseada em Sacramento e Santos (2017), e o estudo do estilo de Machado de Assis é fundamentado por Carvalho (2018), por ser um estudioso do estilo do autor.

Assim, organizamos este texto em quatro partes. Em primeiro lugar, (1) tecemos considerações sobre a abordagem contemporânea da filologia que pensa sua ética de leitura, fundamental para o estudo efetivo da rede de significâncias que constitui textos literários. Após, (2) apresentamos a noção de escolhas lexicais, considerando sua perspectiva ideológica e sua realização no discurso literário. Em seguida, (3) apresentamos a concepção de campos léxico-semânticos, a fim de demonstrarmos como a constituição desses campos é importante para a interpretação do texto. Por fim, (4) procedemos à análise das escolhas lexicais e a constituição de campos léxicos semânticos de *Quincas Borba* em material didático.

## **1 A perspectiva filológica e sua ética de leitura**

Considerando o termo filologia em dicionários, percebemos que os registros de significados apresentam uma concepção polissêmica que leva em consideração tanto um modo abrangente que considera o estudo das civilizações e da língua por meio de textos quanto uma perspectiva restrita consoante à definição de crítica textual, a restituição da forma genuína dos textos. Embora apresente essa abrangência de significados, todas possuem um ponto em comum, os estudos se constituem a partir do texto.

Cambraia (2005, p. 18-35) emprega o termo filologia como o estudo completo do texto, considerando a exploração de aspectos linguísticos, literários, sócio-históricos e crítico-textuais. Na perspectiva da crítica textual, essa completude pode ser alcançada por seu caráter intrínseco transdisciplinar, pois, para Cambraia (2005), o que torna esse campo de estudo instigante é sua flexibilização em apoiar-se em estudos de paleografia, diplomática, codicologia, bibliografia material e linguística. Além disso, é possível uma integração da crítica textual, com outras áreas de estudo, para além dessas mencionados pelo autor, como, por exemplo, a literatura, a educação, a análise do discurso e os estudos do léxico; áreas tratadas na pesquisa de doutorado na qual este artigo se baseia.

A abordagem transdisciplinar da transmissão de textos, sobretudo literário e de uma obra específica, como analisado neste artigo, possibilita resultados mais contundentes, como afirma Cambraia (2005, p. 193):

(...) análises superficiais de textos podem dar a impressão de que alterações em pequenos pontos não têm impacto sobre o texto de forma geral, mas a reflexão aprofundada sobre uma obra mostra, de maneira evidente, como as modificações na forma de um texto interferem claramente na sua interpretação.

Essa abordagem complexa possibilita um estudo mais aprofundado do texto em suas diferentes dimensões, o que se coloca em consonância aos estudos filológicos contemporâneos. Nessa lógica, Sacramento e Santos (2017) apresentam a noção de filologia como uma ética de leitura, isto é, como concepção que se desloca de uma compreensão metodológica de procedimentos, para depuração e autenticação dos textos, e se apresenta como um modo de interpretação dos mesmos. Dessa forma, a ética nesse sentido considera que a filologia permite a participação imersiva na esfera textual, atentando para o texto como produto histórico e cultural cheio de sentidos.

Essa perspectiva é baseada na proposta de leitura e tratamento dos textos do intelectual Edward W. Said (1983), apresentada em seu trabalho “The World, The Text and The Critic”, em que sugere desfazer um modo específico de compreensão dos textos que assegura sempre a circulação e produção de sentidos estabelecidos, deslocando, assim, a uniforme naturalização aos estudos da linguagem. Desvinculado de qualquer metodologia e perspectiva limitante, e inserindo o campo interpretativo de um texto em um campo abrangente de princípios que amplia os sentidos de interpretação, o pensamento de Said (1983) pode ser observado, então, como um fator ético.

Levando em conta essa concepção, Sacramento e Santos (2017) propõem duas lógicas éticas relacionadas à Filologia: uma oposicional e uma possibilista. A primeira remete à resistência a qualquer interpretação que promove a estabilidade interpretativa dos textos e, conseqüentemente, dos discursos; já a segunda se refere a construir uma interpretação desvinculada de formas limitantes, possibilitando a expansão da rede de sentidos e promovendo novos cenários interpretativos.

Nessa perspectiva, podemos levar em consideração o olhar filológico para a acessibilidade completa do texto, ou seja, a possibilidade de conhecimento de todas as camadas de significação que constitui o texto como produto cultural: seu contexto de produção, sua transmissão, sua recepção, sua fortuna crítico-literária, seus pontos de intertextualidade, enfim, toda a rede de sentidos necessária para a leitura crítica.

Dessa maneira, consideramos, neste artigo, tanto os critérios metodológicos da filologia que visam a fidedignidade dos textos quanto a noção de filologia atrelada à ética de leitura. Tendo como base a transmissão de um texto literário,

de um dos maiores expoentes da literatura nacional, transmitido em material didático, nos baseamos nos critérios metodológicos filológicos já descritos na introdução e também no ponto de vista contemporâneo que propõe uma perspectiva abrangente de interpretação, para propor a reflexão sobre o ensino de literatura nas escolas brasileiras de modo geral. Nesse sentido, neste artigo, consideramos o caráter transdisciplinar da crítica textual atrelado aos estudos do léxico, para mostrarmos que a ética de leitura da filologia permite um estudo crítico do texto literário, considerando as diferentes camadas do texto e propondo ao estudante do ensino básico novos arranjos interpretativos.

## 2 A escolha lexical

Todo texto, seja ele oral ou escrito, possui uma intenção comunicativa que é estruturada, dentre outras coisas, pela escolha lexical realizada pelo enunciador. Nesse sentido, é por meio do léxico da língua, entendido por Antunes (2012, p. 27) como o conjunto de itens de uma língua disponíveis aos falantes para servirem suas demandas comunicativas, que o enunciador manifesta seus valores e ideologias:

A língua pode ser e frequentemente é usada para expressar os valores ideológicos de quem a utiliza. Afinal, a linguagem é constitutiva, no sentido de ser essencial para a construção de realidades. E a parte da língua portuguesa que é mais suscetível a ser usada como veículo de construções identitárias e de valores ideológicos é o vocabulário. (OLIVEIRA, 2016, p.72).

Para Oliveira (2016, p. 74), é o significado lexical literal, cristalizado na língua, que orienta a escolha lexical de seus usuários, pois as palavras expressam efeitos de sentido por seus significados conterem traços ideológicos. Essa não neutralidade implica em uma competência lexical marcada tanto pelo conhecimento do código linguístico quanto por fatores extralinguísticos que delimitam e condicionam a escolha lexical. Segundo Antunes (2012, p. 53-59), esses fatores são: a) o que temos a dizer; b) a intenção; c) o gênero; d) suporte; e) leitor; f) modalidade de uso da língua (escrita ou oral); g) nível de formalidade do texto e h) o contexto.

Levando em consideração o texto que temos como nosso objeto de análise, o que se tem a dizer é o ensino de literatura por meio do texto *Quincas Borba*, de Machado de Assis; a intenção é que se tenha o conhecimento desse texto literário por meio da transmissão de alguns fragmentos de seus capítulos em material didático; o gênero textual é o romance; o suporte é o livro didático físico; o leitor desse livro didático é o estudante do ensino médio; uso da modalidade escrita da língua; nível formal da língua, já que os livros didáticos são elaborados de acordo com a norma culta da língua portuguesa e, por fim, o contexto é o disposto no próprio romance, ou seja, a sociedade brasileira do final do século XIX retratada pelo escritor Machado de Assis no texto original.

A respeito das escolhas lexicais realizadas no discurso literário, Teles (1976, p. 91) declara:

No momento em que o escritor opta por uma palavra ou frase, está praticando, ainda que inconscientemente, uma operação estilística, pois está se desviando da linguagem comum e, ao mesmo tempo, procurando imprimir nela a sua marca, a sua particular maneira de exprimi-la. E quando esta escolha é intencional e justificada não só pela obtenção do maior efeito como também por uma imposição do ato criador, o seu uso como traço caracterizador do estilo assume por certo um valor que ultrapassa a simples função comunicativa, para transformar-se num agente ampliador do conteúdo poético. A função linguística se transforma em função retórica, vale dizer, em função poética.

Quando essa lógica, por alguma razão, é invertida, a expressão estética, intrínseca ao discurso literário, se sobpõe ao mero objetivo comunicativo da linguagem. Desse modo, podemos afirmar que uma vez que essas escolhas lexicais são alteradas por outros indivíduos, que não o primeiro autor, de forma involuntária ou até mesmo voluntária – por meio de omissão, adição, substituição ou alteração de pontuação, palavras e trechos de um texto –, como ocorre em nosso objeto de análise, alteram-se também os efeitos de sentido desse texto e o estilo de seu autor.

### **3 Campos léxico-semânticos**

As múltiplas informações, que ocorrem no mundo, podem ser dispostas em categorias que permitem a organização de toda a realidade que nos cerca e que são reveladas em nossos discursos. Essas categorias possuem características que nos permitem reconhecer o que a elas é pertencente. Dessa maneira, a categoria “pássaro”, por exemplo, possui as características: tem bico, sabe voar, tem asas, tem corpo coberto de penas, tem duas patas, põe ovos. Esses atributos são reconhecidos e possuem valores semelhantes por línguas e culturas diversas, contudo, não são restritivos, ou seja, há culturas que apresentam outros atributos substanciais, além dos já mencionados para pássaro. Logo, não há limitação para as diversas categorias existentes; além disso, uma mesma coisa pode fazer parte de mais de uma categoria: um Sabiá pode fazer parte da categoria “pássaro” e também da categoria “animal”.

Toda essa organização, que ocorre de modo automático e inconsciente, é propiciada pelo modo como as estruturas lexicais apresentam relações de sentido:

As relações de sentido são de dois tipos fundamentais: paradigmática e sintagmática (...). Cada uma das duas relações de sentido possui a sua significância distinta. Relações paradigmáticas, em grande parte, refletem a forma na qual a realidade experimentada, a qual se dá de forma infinita e variada, é apreendida e controlada por meio da categorização, subcategorização e gradação ao longo das dimensões específicas de variação.

Elas representam os sistemas de escolhas com os quais o falante se depara quando codifica a sua mensagem. Os aspectos sintagmáticos do significado lexical, por outro lado, servem à coesão do discurso, adicionando informação necessária à mensagem, ao mesmo tempo controlando a contribuição semântica de elementos individuais da enunciação através da desambiguidade, por exemplo, ou pela sinalização de estratégias alternativas – e.g. figuração – de interpretação. (CRUSE, 1986, p. 86).

Essa abordagem semântica lexical faz parte da perspectiva cognitiva da interação entre linguagem e cognição humana, e é estudada pela semântica cognitiva, que considera o conhecimento lexical não só como conhecimento linguístico, mas também cultural. Nessa perspectiva, uma palavra não representa apenas sua relação com um referente, mas sua relação com um referente que representa um objeto cultural.

Nesse sentido, as palavras fazem parte de um entrecruzado associativo, realizado por aproximação de sentidos, razões formais ou uma combinação entre forma e significado. (HENRIQUES, 2011, p. 76). Podemos perceber essas associações pela própria coerência textual que se constitui pelo caráter de unidade do texto. Para Antunes (2012, p. 87-88), a materialidade textual, que manifesta essas associações, é o reflexo do modo como interpretamos nossas experiências:

No mundo da experiência, as coisas ocupam espaços contíguos, selecionam-se por propriedades comuns. Igualmente, no mundo de nossa percepção e memória, os dados apreendidos organizam-se em esquemas cognitivos que respeitam as relações, as proximidades comuns, os cruzamentos de pertencimento natural e cultural das coisas. Tudo está arrumado, tudo está estruturado para ter sentido sob o prisma da relação, da pertença coletiva, do destino comum, do que resulta uma espécie de *herança social* com que *interpretamos nossas experiências*. Consequentemente, é comum que, em nossos discursos, falemos de coisas afins, de coisas que se aproximam sob qualquer foco, no interior de determinado grupo ou cultura.

Para distinguir os tipos de relações associativas entre as palavras, Henriques (2011, p. 78) considera campo semântico a expressão “que se refere ao contingente de palavras que se agrupam, linguisticamente, por meio de uma rede de associações e interligações de sentido”. Ainda para o autor, esse sentido genérico do termo é geralmente utilizado também para designar a expressão “campo conceitual”, que se refere “ao contingente de palavras que se agrupam ideologicamente, por meio de uma rede de associações e interligações de sentido”. Em suma, são por meio desses campos que fundamentamos e justificamos nossa interpretação de determinado texto.

Nesse contexto, segundo Ullman (1977, p. 523), ao mesmo tempo em que os campos léxico-semânticos refletem valores socioculturais, configuram-se como materiais de relevância para o conhecimento desses valores transmitidos textualmente para as futuras gerações. Assim, pressupõe-se que, ao alterarmos um item

lexical que compõe a rede de associações semânticas, alteramos também a interpretação do texto e, além disso, o pensamento do enunciador e sua visão cultural, manifestas textualmente, também são modificados, já que a construção dessa rede de sentidos depende da experiência de mundo de cada indivíduo – autor e leitor.

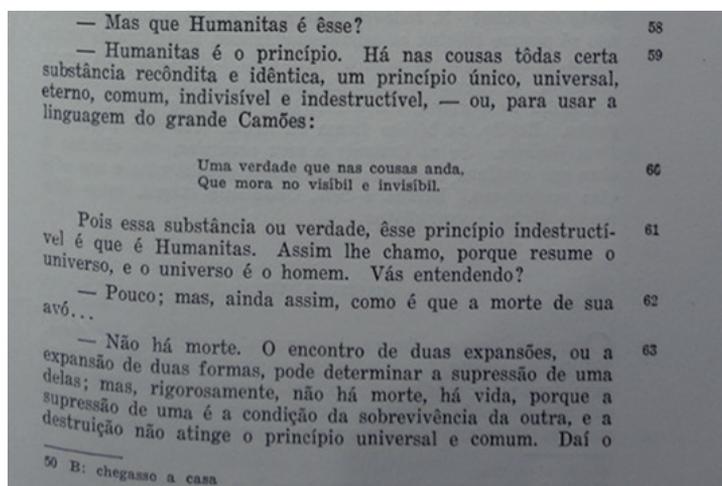
#### 4 Análise das escolhas lexicais e da constituição de campos léxico semânticos de *Quincas Borba* em material didático

Para a análise, selecionamos quatro fragmentos do texto literário *Quincas Borba*, de Machado de Assis, sendo duas descrições sobre a filosofia do humanitismo proferida por Quincas Borba à Rubião, dispostas no “capítulo VI” do romance; uma narração sobre a reação de Rubião ao ouvir a filosofia de Quincas Borba, disposta no “capítulo VI” do romance, e um diálogo, disposto no “capítulo L”, entre o casal Cristiano Palha e Sofia. Esses excertos do romance foram selecionados para a análise por serem os mais transmitidos em livros didáticos, apostilas e livros paradidáticos sobre o romance e o autor.

A análise foi realizada com o cotejo dos fragmentos presentes tanto nos textos de base do romance quanto em material didático, com o objetivo de verificarmos de que modo as escolhas lexicais, dispostas nesses dois contextos, produzem efeitos de sentido diferentes e interferem na interpretação do texto pelos estudantes.

#### Primeira descrição da filosofia do humanitismo proferida por Quincas Borba à Rubião, disposta no “capítulo VI” do romance

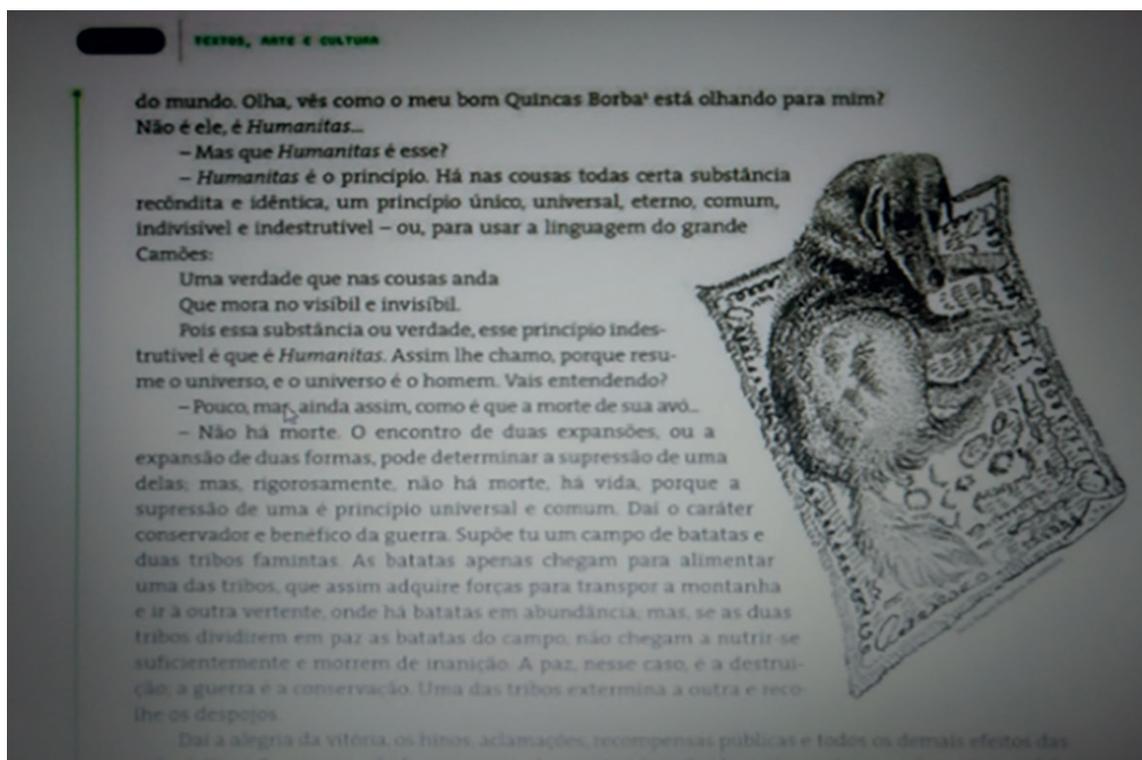
Figura 1: Fac-símile do excerto da edição crítica de *Quincas Borba*<sup>4</sup>.



Fonte: ASSIS, Machado de (1977, p. 118-120).

4 Os textos da edição crítica do romance estão idênticos aos textos da terceira edição do romance. Dessa maneira, considerando a organização e extensão do artigo, optamos por apresentar apenas os fac-símiles da edição crítica para exemplificar os textos de base do romance, por ter ortografia mais modernizada que a terceira edição, para a comparação com os fac-símiles do material didático.

**Figura 2:** Fac-símile do excerto do livro didático *Língua, literatura e produção de textos*.



Fonte: DE NICOLA, José. (2012, p. 323-324).

**Figura 3:** Transcrição do trecho com o lugar crítico, com texto presente no livro didático *Língua, literatura e produção de textos*.

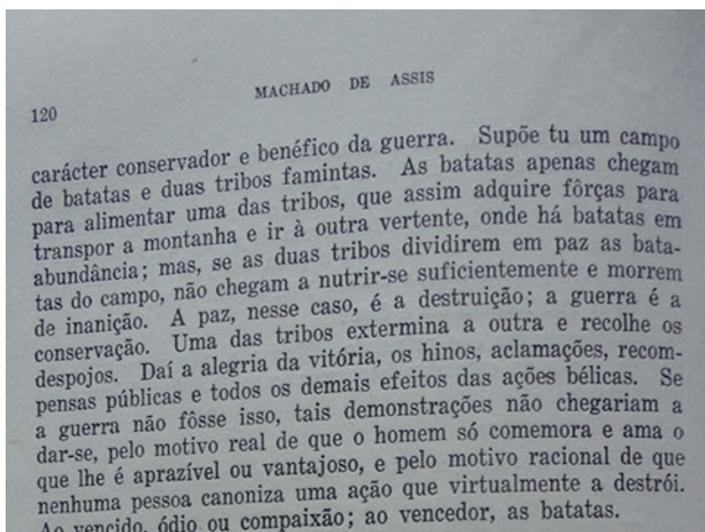
*mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum.*

Fonte: DE NICOLA, José. (2012, p. 323-324).

O fragmento presente no “capítulo VI” do romance apresenta a descrição da visão do filósofo Quincas Borba à Rubião sobre a vida e a morte, presente em sua teoria do humanitismo. A análise das escolhas lexicais do trecho em vermelho, presente nas edições de base do romance e omitido no material didático, mostra unidades lexicais que expressam sentidos contrários, como “supressão” versus “sobrevivência”, “vida” versus “destruição”, formando um campo léxico-semântico entre opostos, que tem por objetivo um discurso confuso em relação ao que é transmitido no material didático, que tem sentido direto e objetivo.

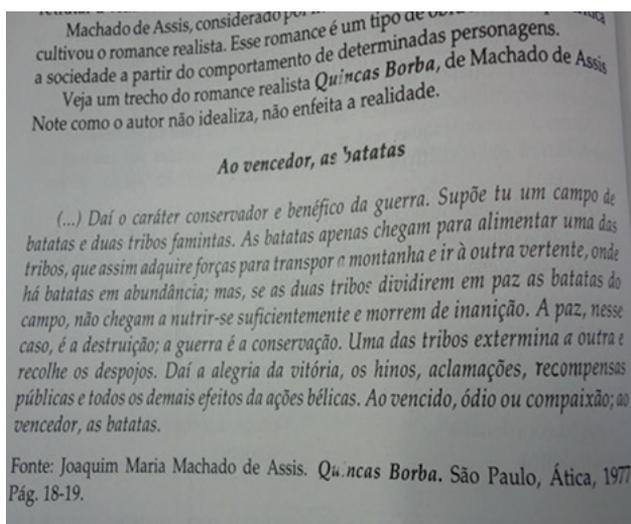
## Segunda descrição da filosofia do humanitismo proferida por Quincas Borba à Rubião, disposta no “capítulo VI” do romance

Figura 4: Fac-símile do excerto da edição crítica de *Quincas Borba*.



Fonte: ASSIS, Machado de (1977, p. 120).

Figura 5: Fac-símile do excerto do livro *Telecurso 2000 2º Grau - Língua Portuguesa*.



Fonte: *Telecurso 2000 2º Grau - Língua Portuguesa*. (2000, p. 108).

Figura 6: Transcrição do trecho com o lugar crítico, com texto presente em *Telecurso 2000 2º Grau - Língua Portuguesa*.

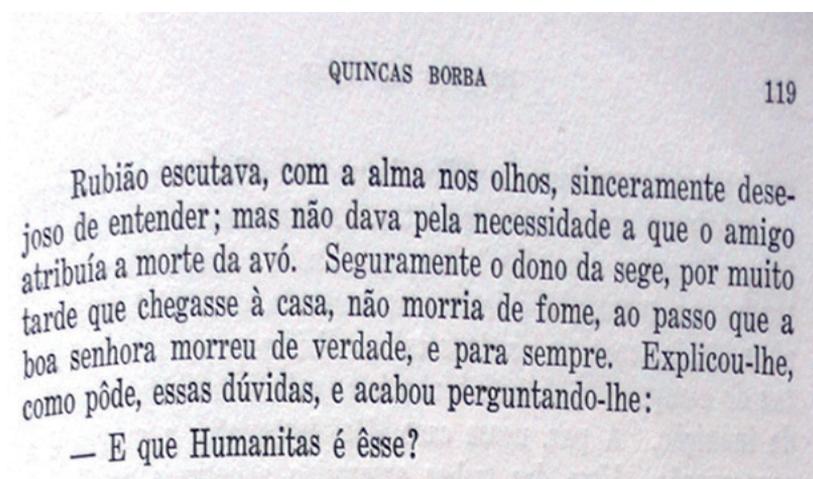
Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. **Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói.** Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

Fonte: *Telecurso 2000 2º Grau - Língua Portuguesa* (2000, p. 108).

A segunda descrição da filosofia do humanitismo, proferida por Quincas à Rubião, também presente no “capítulo VI” do romance, mostra, no trecho que está em vermelho, presente nas edições-base do romance e omitido no material didático, que há o uso de itens lexicais, como “aprazível”, “canoniza” e “virtualmente” (sentido filosófico), que podem ser desconhecidas ao aluno leitor. Esse trecho manifesta um campo léxico-semântico filosófico sobre a guerra e, de certa forma, deixa o discurso prolixo em relação ao mesmo trecho no material didático que, com a omissão, expressa um discurso objetivo e simplista.

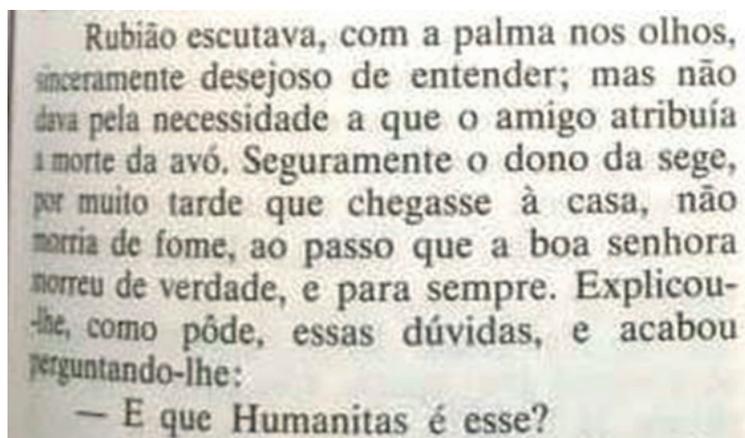
### **Narração da reação de Rubião ao ouvir a anedota de Quincas Borba, disposta no “capítulo VI” do romance**

**Figura 7:** Fac-símile do excerto da edição crítica de *Quincas Borba*.



Fonte: ASSIS, Machado de (1977, p. 119).

**Figura 8:** Fac-símile do excerto do livro didático *Machado de Assis*.



Fonte: BOSI, Alfredo et al. (1982, p. 234-236).

**Figura 9:** Transcrição do trecho com lugar crítico, com texto presente no livro *Machado de Assis*.

Rubião escutava, com a **alma palma** nos olhos, sinceramente deseioso de entender; mas não dava pela necessidade a que o amigo atribuía a morte da avó.

Fonte: BOSI, Alfredo *et al.* (1982, p. 234-236).

A narração, presente no “capítulo VI” de *Quincas Borba*, apresenta a reação de Rubião, que, mesmo sem compreender as ideias de Quincas, mostrou interesse pelo humanismo do filósofo. Nesse trecho, há nos textos de base do romance o uso de linguagem conotativa, visto que os olhos de Rubião refletem sua alma. Essa escolha revela um campo léxico-semântico que objetiva o discurso não-referencial, mostrando a vontade do herdeiro aprendiz de entender toda a concepção filosófica de Quincas. Por sua vez, o material didático apresenta a substituição da palavra “alma”, por “palma”, fazendo, assim, o uso de linguagem denotativa, pois as palavras “palma” e “olhos” estão em seu sentido literal.

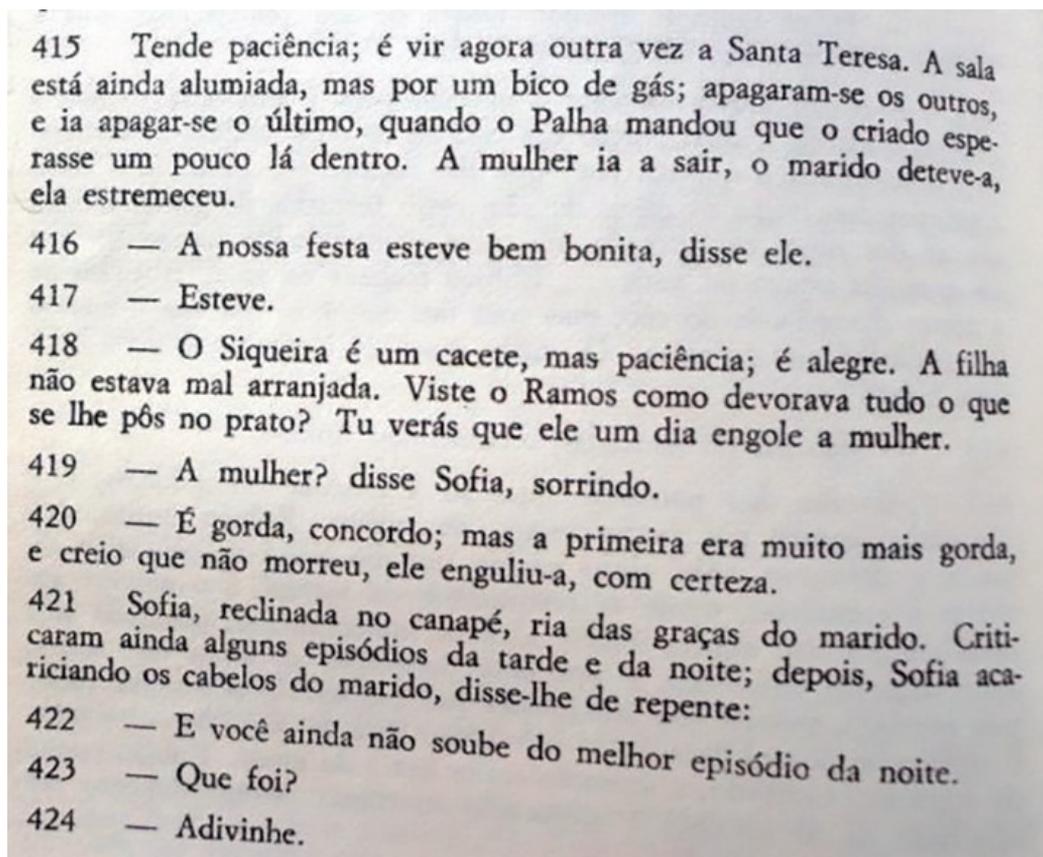
A substituição, feita no material didático, deixa o fragmento incoerente, pois no texto original Rubião está “deseioso” por entender o que escutava. Desse modo, é importante salientar que essa alteração pode ter sido motivada tanto para eliminar a figura de linguagem, e deixar o texto de modo mais simplista ao aluno, quanto por erro de cópia, um lapso do copista, já que as palavras “alma” e “palma” são fonologicamente próximas.

A respeito do “capítulo VI”, o capítulo mais transmitido de *Quincas Borba* em material didático, observamos que sua elaboração explicita a paródia que Machado de Assis faz às teorias cientificistas e filosóficas do século XIX, uma das características das narrativas realistas-naturalistas. O humanismo filosófico de Quincas Borba é criado por meio de uma explicação absurda, originada pela anedota da morte de sua avó, que imprime um caráter rebaixado a uma teoria, geralmente baseada em problemáticas e metodologias elaboradas e consistentes.

Tendo em vista o movimento literário realista, no qual o escritor brasileiro é inserido como exemplo no material didático, temos que levar em consideração o fato de que Machado de Assis tinha opinião antagônica aos preceitos da estética realista, o que é claramente observado em seu texto crítico sobre *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, publicado na revista *O Cruzeiro* em 1878, no qual o escritor brasileiro, ao mesmo tempo em que critica o realismo da narrativa queirosiana, afirma os princípios estéticos que iriam direcionar sua produção posteriormente, como, por exemplo, em *Quincas Borba*.

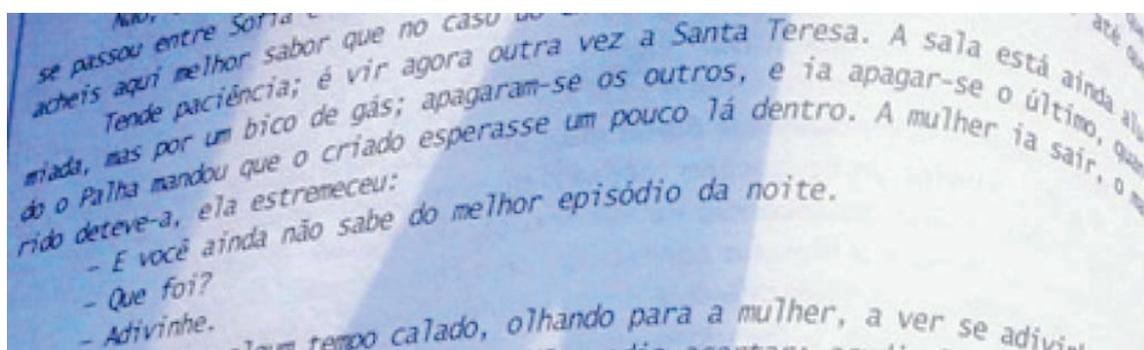
## Diálogo entre o casal Sofia e Cristiano Palha, disposto no “capítulo L” do romance

Figura 10: Fac-símile do excerto da edição crítica de *Quincas Borba*.



Fonte: ASSIS, Machado de (1977, p. 119).

Figura 11: Fac-símile do excerto do livro didático *Literaturas Brasileira e Portuguesa Teoria e Texto*.



Fonte: CAMPEDELLI, Samira Yousseff & SOUZA, Jésus Barbosa (2004, p. 258).

**Figura 12:** Transcrição do trecho com lugar crítico, com texto presente no livro didático *Literaturas Brasileira e Portuguesa Teoria e Texto*.

*Tende paciência; é vir agora outra vez a Santa Teresa. A sala está ainda alumiada, mas por um bico de gás; apagaram-se os outros, e ia apagar-se o último, quando o Palha mandou que o criado esperasse um pouco lá dentro. A mulher ia a sair, o marido deteve-a, ela estremeceu.*

*- A nossa festa estêve bem bonita, disse êle.*

*- Estêve.*

*- O Siqueira é um cacête, mas paciência; é alegre. A filha não estava mal arranjada. Viste o Ramos como devorava tudo o que se lhe pôs no prato? Tu verás que êle um dia engole a mulher.*

*- A mulher? disse Sofia, sorrindo.*

*- É gorda, concordo; mas a primeira era muito mais gorda, e creio que não morreu, êle enguli-a, com certeza.*

*Sofia, reclinada no canapé, ria das graças do marido. Criticaram ainda alguns episódios da tarde e da noite; depois, Sofia acariciando os cabelos do marido, disse-lhe de repente:*

*- E você ainda não soube do melhor episódio da noite.*

*- Que foi?*

*- Adivinhe.*

Fonte: CAMPEDELLI, Samira Yousseff & SOUZA, Jêsus Barbosa (2004, p. 258).

O casal Sofia e Cristiano Palha ofereceram uma festa na casa deles apenas para convidados restritos, considerados pessoas prestigiadas na sociedade. Após o fim da festa, o casal se reúne para falar mal dos próprios convidados, trecho destacado em vermelho, que está presente nas edições de base do romance e omitido do material didático. Como podemos observar, há o uso de itens lexicais que podem ser mal vistos pelo público-alvo do material didático, como: “um cacete”, para falar sobre Siqueira, “devorava tudo” e “engole a mulher”, para falar sobre o Ramos, “gorda”, para falar sobre a mulher do Ramos, “ria das graças do marido” ao falar de Sofia e “criticaram ainda alguns episódios”, quando o narrador fala sobre o casal. Assim, percebe-se um campo léxico-semântico que leva em consideração a perversidade do casal ao falar dos outros.

A hipótese para a motivação dessas omissões, no material didático, é a de censura, não do Estado, mas da equipe editorial que elaborou o material, pois são palavras e frases que podem ter um sentido pejorativo. Além disso, esse livro didático não tem o selo do Programa Nacional do Livro e do Material Didático<sup>5</sup>, planejado, assim, para o mercado de escolas privadas, com fatores mercadológicos

5 O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), de responsabilidade do Ministério da Educação e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, consiste em um processo avaliativo, compra e distribuição de materiais didáticos de forma gratuita às escolas públicas de educação básica das redes municipal, estadual e federal. Para cumprir o objetivo de distribuir um material didático adequado, a avaliação do PNLD é composta por uma comissão de especialistas em diferentes áreas do conhecimento. Desse modo, o material didático com o selo PNLD comprova sua passagem no processo avaliativo e também sua aprovação pela equipe técnica, característica não realizada no material didático de escolas privadas.

e estratégicos determinados. Logo, os editores desse livro didático podem ter considerado esses critérios para as alterações realizadas.

## Considerações Finais

Neste texto, discutimos o conceito da palavra filologia, considerando desde a acepção abrangente do termo presente em dicionário, passando por seu sentido restrito de autenticação dos textos até seu sentido mais atual, que considera sua ética de leitura. Além disso, discutimos que a filologia e seu caráter transdisciplinar possuem aspectos importantes no processo de elaboração e transmissão de textos literários.

Em seguida, apresentamos que as escolhas lexicais, presentes nos textos, revelam os valores e ideologias de seus enunciadores. Com essa abordagem, discutimos que, apesar de se ter acesso a todos os itens lexicais dispostos na língua, a seleção lexical realizada é delimitada por fatores, que aplicados ao discurso literário, manifestam as operações estilísticas do escritor.

Após essa apresentação, discutimos a concepção de campos léxico-semânticos, considerando a perspectiva cognitiva, que integra estudos da linguagem e cognição humana, a fim de entendermos a relevância das relações associativas entre as palavras e seu valor cultural. Além disso, discutimos que a categorização em campos semânticos é importante para a justificativa que se faz de uma interpretação do texto.

Por fim, com a análise de fragmentos de *Quincas Borba*, transmitidos em material didático, pudemos perceber que as escolhas lexicais, que os editores de material didático realizam, não respeitam as escolhas lexicais do escritor Machado de Assis. Ademais, essas escolhas lexicais produzem efeitos de sentido que influenciam na análise crítico-literária da obra e do estilo do autor. Dessa forma, esses resultados podem contribuir para a reflexão sobre a significação de palavras e frases no contexto histórico-social, para a construção de escolhas lexicais e campos léxicos semânticos em texto literário de forma geral, para a elaboração de material didático e para os estudos lexicais no contexto escolar.

## LEXICAL CHOICES AND THE PRODUCTION OF MEANINGFUL EFFECTS: QUINCAS BORBA IN TEXTBOOK

**Abstract:** *This article is a part of the doctoral research, in which we researched the transmission of the literary text Quincas Borba, by Machado de Assis, in textbook. From this perspective, this article aims to discuss how the lexical choices present in the novel under study, transmitted in textbooks, interfere in Machado's style and in the interpretation of the text. For this, we use philological studies as theoretical and methodological support described in Blecua (1990), Cambraia (2005), Spaggiari & Perugi (2004) and Sacramento and Santos (2017); the perspective of lexical choice by Oliveira (2016), Antunes (2012)*

and Teles (1976); the conception of lexical-semantic fields is anchored in the ideas of Antunes (2012), Henriques (2011), Cruse (1986) and Ullman (1977); and the study of the Machado's style is supported by Carvalho (2018). The results of this research can contribute to the understanding of the construction of lexical choices and lexical-semantic fields in a literary text, to the elaboration of didactic material in Portuguese and Brazilian literature, and to lexical and Machado's studies in the classroom.

**Keywords:** Lexical choices; Lexical-Semantic Fields; Textbook; Quincas Borba; Machado de Assis.

## Referências

- ANTUNES, I. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Editora Parábola, 2012.
- ASSIS, M. de. *Quincas Borba*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Garnier, Livreiro-Editor, 1899.
- ASSIS, M. de. *Quincas Borba*. Edição Crítica. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro/Comissão Machado de Assis, 1977.
- ASSIS, M. de. Eça de Queirós: O Primo Basílio. Publicado em O Cruzeiro em 16 e 30 de abril de 1878. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol.3, 1994.
- BLECUA, A. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983[reimpr:1990].
- BOSI, A. et al. *Machado de Assis*. Coleção Escritores Brasileiros. Antologias e Estudos. São Paulo: Ática, 1982, p. 234-236.
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAMPEDELLI, S. Y. & SOUZA, J. B. *Literaturas Brasileira e Portuguesa Teoria e Texto*. Editora Saraiva: São Paulo. 2004, p. 258. (Volume único).
- CARVALHO, C. de. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*. 2. ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: Lexikon, 2018.
- CRUSE, D. A. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- DE NICOLA, J. *Língua, literatura e produção de textos*. Volume 2. São Paulo: Editora Scipione, 2012, p. 323-324.
- GRIGOLETTO, M. Leitura e funcionamento discursivo do livro didático. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira*. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 67-77.
- HENRIQUES, C. C., 1951. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*/Claudio Cezar Henriques, Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

OLIVEIRA, L. A. Facetas ideológicas das escolhas lexicais: a não neutralidade da língua em uso. *Revista (Con)Textos Linguísticos*. v.10, n.16, p. 67-85, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/13704>.

SACRAMENTO, A; SANTOS, L. DE J. A Filologia como ética de leitura. *Revista da ABRALIN*, v.16, n.2, 26 abr. 2017.

SAID, E. *The World, The Text and The Critic*. Cambridge: Harvad University Press, 1983.

SPAGGIARI, B. & PERUGI, M. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

TELES, Gilberto Mendonça. *Drummond: a estilística da repetição*, 2<sup>a</sup>. ed., ver. e aum., Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1976.

TELECURSO 2000 - 2<sup>o</sup> Grau - *Língua Portuguesa*. Vol. 3. São Paulo: Editora Globo, p. 108.

ULLMANN, Stephen. *Semântica. Uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

*Recebido em 10 de fevereiro de 2023*

*Aceito em 30 de maio de 2023*